

A NOÇÃO DE ESTRUTURA COMO FUNDAMENTO DA GEOGRAFIA CRÍTICA

Jecson Girão Lopes
Doutorando em geografia
Programa de Pós-Graduação em Geografia - Universidade Federal do Sergipe
(NPGeo/UFS)
Mestre em Filosofia na Universidade Federal do Ceará (UFC) e em
Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFC)
jecsang@yahoo.com.br

PEDROSA, Viotto, Breno. *Entre as ruínas do muro: a história da geografia crítica sob a ótica da ideia de estrutura*. 2013. 361 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

A pergunta que me fiz diante do desafio de resenhar a tese de Breno Viotto Pedrosa, foi a de como resenhar um texto tão extenso, denso e complexo como esse? Fez a primeira vista surgir o que Kierkegaard nos disse sobre a angústia, isto é, a revelação de nossa inocência por ainda não sabermos, ou ainda de modo semelhante como ignorância da qual nos fala Sartre, designada também de angústia, quando nos mostrava que podemos tomar consciência de nossa consciência, isto é, saber de nossa condição: saber do que sabemos. Mas o medo (o meu medo) que advém da ignorância, como diz Espinosa, era com que acontecesse aquilo que disse certa vez Heidegger, quando escreveu que a angústia pode manifestar nossa essência, isto é, o nada, mas não é bom pensar nisso, senão nada sai! É, portanto, imbuído do pensamento kierkegardiano de que é a partir da angústia que se nasce o novo, o novo ser que agora sabe e, portanto, desde então culpado, é que encaramos tal empreitada.

O autor da tese em questão é licenciado e doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo em 2008 e 2013 respectivamente. Atualmente é professor da Universidade da Integração Latino-Americana (Foz do Iguaçu, PR), onde ministrou e ministra disciplinas entre os campos da História do pensamento geográfico; Epistemologia da geografia; Geopolítica; Geografia política.

A tese defendida em julho de 2013 no departamento de Geografia da Universidade de São Paulo sob a orientação do professor Armem Mamigonian e debatida pelos professores, Fabio Betioli Contel (Geografia-USP), Mario Antonio Eufrazio (Sociologia-USP), Raquel Maria Fontes Pereira (Geografia-Univali-SC) e Sérgio Luiz Nunes Pereira (Geografia-UFF),

Building the way

trata sobre a emergência e institucionalização da geografia crítica na França e nos Estados Unidos, mostrando como a noção de estrutura teve papel central para tal.

A inquirição inicial levantada pelo autor é a de querer saber como se manifesta a formação e a transformação da geografia crítica na França e nos Estados Unidos, considerando as nuances e/ou ambiguidades que o termo carrega, assim como sua vinculação com a crítica social. Segundo o autor, a geografia crítica sobre a esteira da concepção de estrutura tem início em fins de 1960 e início de 1970 com as publicações iniciais da *Antipode* nos Estados Unidos e a *Hérodote* na França.

No transcurso do texto, para contar a história pretendida, o autor faz uma espécie de periodização subdividida em três partes, que é por aonde caminha durante a explicitação de sua tese, disposta em linhas gerais da seguinte maneira: 1) surgimento de uma geografia de esquerda na França no pós-guerra, sob a égide do partido comunista francês fazendo o uso da ideia de estrutura como instrumento de análise social; 2) o movimento questionador de maio de 1968 com o crescimento da influência althusseriana na França e nos Estados Unidos ao mesmo tempo com as tentativas de renovação da geografia sobre fundamento marxista; 3) crescentes críticas ao estruturalismo pelos pós-estruturalistas e pós-modernos, o que trouxe a aparição de um ecletismo epistemológico e metodológico à geografia.

O autor seguirá um percurso metodológico apoiado pela História Social das Ideias, tomando o processo de institucionalização da geografia crítica como fundamental para compreender sua proposta de tese (da formação de redes e grupos de pesquisa na construção e na efetivação da geografia crítica dentro da comunidade de geógrafos), sustentando-se por aquilo que Berdoulay (1981) chamou de “abordagem contextualizada”, bem como se fundamenta em François Dosse (2004)¹ e Pierre Bourdieu (1984)².

Nesse sentido, Pedrosa indaga sobre quais estratégias a geografia crítica adotou para se afirmar como discurso universal na geografia; quais autores, quais grupos se formaram e quais apoios institucionais foram recebidos para que isso se efetivasse. Assim, defende que a geografia em seu desenvolvimento segue uma trajetória anárquica, de fundamento feyerabendiano, não se configurando, portanto, em modelos de ciência de Lakatos ou de Kuhn, como por exemplo, uma vez que as ciências humanas absorvem elementos das outras ciências, das artes e da filosofia. Há uma clara defesa de uma postura epistemológica “híbrida”, anárquica

¹ Cf. DOSSE, F. *História e ciências sociais*. Bauru: Edusc, 2004.

² Cf. BOURDIEU, P. *Homo academicus*. Paris: Les Editions de Minuit, 1984.

Building the way

com uma da sociologia das ideias, pelo fato de que não há na geografia um etapismo evolucionista, mas que as várias correntes da geografia têm elementos que podem promover o desenvolvimento ou a estagnação da disciplina.

Mostrar que esse debate desenvolvido, “no centro do sistema mundial (EUA e França)” (p.19) transcorreu pelo mundo e assim influenciou as geografias nacionais e que para tal propagação a ideia de estrutura a partir do pensamento de Althusser foi fundamental dentro desse debate na geografia, tendo forte repercussão na América Latina.

Nesse sentido, nosso autor assevera que a geografia em sua relação com o marxismo segue dois percursos, um que tenta buscar nas obras de Marx conteúdos geográficos³ e outra que amplia a análise, na medida em que trata de questões como o desenvolvimento desigual, imperialismo, questão agrária⁴, como por exemplo.

Na França a geografia crítica é gestada influenciada pelos partidos políticos e nos Estados Unidos por ideias esquerdistas. Seu nascimento se vincula fundamentalmente ao surgimento da geografia social, mas como o jargão de cientificidade estava ligado ao das ciências naturais, a geografia fica no meio termo devido ao fato de ser tanto natural como social, ao passo que a geografia crítica tentará mostrar que a geografia enquanto ciência deve ser exclusivamente social.

Depois desse breve resumo, o texto ora analisado está subdividido em duas partes, a primeira o autor apresenta “o pensamento anarquista geográfico do final do século XIX”, (p. 24) assim como “a interpretação marxista do materialismo geográfico através do pensamento ratzeliano, e o quadro universitário francês influenciado pelo marxismo e pelo partido comunista” (Ibid.). No caso norte americano em meados do século XX, as pesquisas, via de regra, tinham por fundamento epistemológico a geografia teórico-quantitativa, fato não possibilitador de crítica social, o que fez com que os alguns geógrafos refletissem sobre suas práticas, sobre as contradições sociais e a geografia ganhava assim mais alcance frente aos problemas sociais, sendo, portanto, fundamentais para as mudanças na geografia.

A segunda parte aborda a questão da institucionalização da geografia crítica sob fundamento marxista e estruturalista. E como se desenvolve a crítica ao estruturalismo a partir

³ Como tenta fazer Massimo Quaini. Cf. QUAINI, M. *Marxismo e Geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

⁴ Para essas questões o autor cita Neil Smith; Lênin, Kautsky; Bukharin; Rosa Luxemburgo e Benjamin.

Building the way

da teoria de regulação⁵, da estruturação⁶ e do realismo filosófico⁷. Eis as razões da hegemonia do pós-modernismo na geografia atual, segundo Pedrosa.

A crítica social advinda do socialismo, fundamentalmente a partir de pensadores como Kropotkin, Reclus e Plekhânov, promoveu contribuições importantes para geografia, assim como autores como Wittfogel com seu debate sobre o materialismo geográfico e a geopolítica. No entanto, foi central para que a geografia crítica irrompesse na França: a ascensão do nazismo, assim como “a militância política contra o fascismo, nazismo, anticolonialismo” (p. 25) e a vitória dos soviéticos na guerra contribuiram para que intelectuais mostrassem simpatia ao socialismo real.

Com a Guerra Fria há uma mudança no quadro e o socialismo real perde força e vários intelectuais começam a deixar suas bases e impulsionados pelo pensamento radical de maio de 1968, surgindo assim, a geografia crítica de lastro marxista, ganhando envergadura a partir das publicações da *Antipode* e da *Hérodote*.

Seguindo, o autor destaca o anarquismo geográfico de Reclus e Kropotkin. O primeiro herdeiro do darwinismo e militante de esquerda é influenciado por Karl Ritter, Bakunin, Vico, Proudhon e Rousseau. Kropotkin é crítico do individualismo de Bakunin e Proudhon, além claro, de ser um ferrenho crítico do estado e ser terminantemente contrário a propriedade privada, dizendo que “tudo é de todos”⁸ e favor da justiça social. Outro autor importante é o russo Plekhanov que se declara contrário ao revisionismo II Internacional defendida por Eduardo Bernstein, bem como ao kantismo que ressurgia nesse período.

Não obstante, na passagem do século XIX para o início do século XX havia uma proximidade entre marxismo, positivismo e darwinismo, fazendo com que emergisse a comparação entre luta de classes com a luta pela sobrevivência darwiniana, culminado num chamado marxismo vulgar, simplificador das ideias de Marx, que somente e em certa medida será recuperado depois da Terceira Internacional com o chamado marxismo-leninismo.

Até a primeira metade do século XX ocorre uma maior vinculação entre marxismo, história e geografia e alguns geógrafos começam a propor uma agenda de pesquisa de base

⁵ Cf. AGLIETTA, M. *Régulation et crise du capitalisme*. 2ed. Paris: Calmann, 1982; LIPIETZ, A. *Crise et inflation, pourquoi?* Paris: Maspéro, 1979; *O Capital e seu espaço*. São Paulo: Nobel, 1988.

⁶ Cf. GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989; *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

⁷ Cf. BHASKAR, Roy. *The Possibility of Naturalism: A Philosophical Critique of the Contemporary Human Sciences*. Brighton: The Harvester Press, 1979.

⁸ KROPOTKIN, P. *La conquista del pan*. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2007.

Building the way

marxista, sem muito sucesso, o que se vai ter é uma apropriação de algumas ideias que culminarão numa geografia neo-positivista, com exceção de Wittfogel. Isso se dá pelo fato de que na tradição “marxista quase não existem geógrafos eminentes” (p. 44). E mesmo depois de 1970 se dará muito mais destaque a geógrafos do século XIX do que dos da primeira metade do século XX.

Com a efetivação institucional da geografia vidaliana na França, começa ocorrer algumas pesquisas entre geógrafos e historiadores da escola dos Annales⁹. Lucien Febvre é um dos pesquisadores e tenta mostrar em um de seus livros¹⁰ uma suposta oposição entre as escolas alemã e francesa de geografia, sendo a primeira determinista e a segunda possibilita.

Os fundamentos da geografia marxista alemã se gestam a partir de estudos econômicos, geopolíticos, com destaque para Walter Christaller, (a partir da ideia dos lugares centrais, sobre fundamentos de modelos econômicos de Von Thünen e da economia clássica liberal) e Karl Wittfogel (a partir das ideias materialismo geográfico, de base ratzeliana, geopolítica, causa hidráulica e modo de produção asiático, se fundamentando em Herder, Montesquieu, Hegel, Ritter, Otto Bauer e Rosa Luxemburgo).

Na França a ideia de estrutura promovida por La Blache e De Martone se tornou efetiva na geografia francesa e na geografia em geral, que depois entrará em choque com o althusserianismo. Autores como Cholley, Pierre George, Tricart e Dresch dedicam-se à geografia com forte influência marxista. Dresch chega até a apresentar um programa para se construir uma geografia marxista. Na realidade é Pierre George, Dresch e Tricart que vão asseverar a geografia humana como ciência social, pois segundo eles é o homem o produtor e consumidor das forças produtivas.

Não obstante, na relação entre geografia e economia um autor importante é François Perroux que defendia a ideia de um espaço geográfico que articulava as escalas mundial, nacional e regional, atrelado com a ideia de polo de crescimento, vai ter significativa importância para Pierre George em suas noções de desenvolvimento e planejamento por parte do estado. Nesse sentido, engendra-se uma disputa entre dois projetos de geografia marxista, um de Dresch e outro de George. O primeiro tendente a ser mais fiel aos pressupostos marxistas

⁹ Essa escola fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch tenta se afastar do positivismo na medida em que substituem a ideia de tempo breve da história por um de longa duração, na tentativa de tornar mais compreensíveis à civilização e a naturalização de certas ideias.

¹⁰ FEBVRE, Lucien. *A Terra e a Evolução Humana*: introdução geográfica à história. Lisboa: Edições Cosmos, 1991.

Building the way

e o outro voltado ao desenvolvimentismo, isto é, ao crescimento econômico nacional para promover a dissolução das desigualdades regionais.

Tricart por sua vez influenciado por Zdanov propõe uma dialética do relevo, compreendendo que o papel do geomorfólogo seria analisar o relevo por meio de ideias como forma, processo e paisagem, em oposição às ideias de Davis, o que dará subsídio aos fundamentos do Geossistema de Bertrand.

Para esse processo de afirmação, da geografia de cunho marxista, disseminada por Dresch, George e Tricart e seus discípulos é publicado uma série de artigos nas revistas do partido comunista francês *La Pensée* e *La Nouvelle Critique* depois do congresso intitulado “A crise da geografia contemporânea”, debatido por Kayser, Dresch, George, André Prenant, Lacoste, Guglielmo, Rochefort entre outros.

No ano da invasão soviética à Hungria, 1956, vários filiados ao partido comunista se desfiliam e assim “o ano de 1956 foi um retrocesso para a esquerda” (p. 126), no entanto é nesse mesmo ano que em um congresso da União Geográfica Internacional no Rio de Janeiro faz começar uma relação de maior proximidade entre a “geografia brasileira” e a “francesa”.

No Pós-Guerra, com as ideias de planejamento, crescimento econômico, tanto na Europa como Estados Unidos, principalmente, vai dá passagem em meados dos anos de 1950 à geografia nova, uma vez que o objetivo era o de elaborar modelos de planejamento e de desenvolver tecnologias que oferecessem vantagens militares e socioeconômicas. Assim, a geografia é divulgada não mais a partir de metáforas naturalizantes, de ideologias, dos nacionalismos etc., essas “coisas” não são mais importantes, mas sim metáforas baseadas na física, em métodos que pudesse conferir universalidade à geografia, racionalidade, aplicabilidade, matematização, que tendiam a apontar para um espaço estável, para uma previsibilidade social. Assim, emerge um debate entre Schaefer, já não mais vivo, e Hartshorne sobre se a geografia seria nomotética (Hartshorne) ou ideográfica (Schaefer).

Na França a Nova geografia chega tardiamente e mesmo em sua chegada é acolhida com resistências devido à força, ainda, do pensamento de esquerda, mesmo com seu tecnicismo e cientificismo, que depois a partir dos anos de 1960 começa um processo de renovação a partir das obras de Lukàcs, Luxemburgo, Marcuse, Fromm e Gramsci.

Breno Viotto acredita que “o marxismo e a cultura de esquerda tiveram um papel fundamental” (p. 159) no processo de emergência da geografia crítica na França, “seja pela ideia de estrutura, pela politização da geografia ou pela busca de uma ação social no

Building the way

planejamento” (Ibid.). Nos EUA a “nova geografia e de uma geografia aplicada para solução de problemas sociais é a origem formadora da geografia crítica” (p. 161).

A geografia crítica, portanto, se forma pela junção de vários geógrafos marxistas espalhados pelo mundo que debatiam a questão da esquerda no mundo, tendo maio de 1968 como um marco importante, sendo que nessa mesma década há uma ascensão do althusserianismo como uma nova proposta para o marxismo. Assim, autores como Manuel Castells, Nicos Poulantzas aplicam as ideias de Althusser.

Depois do Maio de 68 a esquerda ganha certo poder institucional nas universidades da França¹¹ e dos Estados Unidos. Por outro lado é também depois disso que teorias como a pós-moderna e pós-estruturalistas vão entrar em cena e autores como Lyotard e Derrida são centrais. Nos Estados Unidos a geografia crítica data dos anos de 1960 com uma heterogeneidade de pensamento e só em 1967 se institucionaliza, ganhando reconhecimento na Associação dos geógrafos americanos e em 1969 com a criação da revista *Antipode*, o que marca o início da divulgação do quadro heterogêneo dos críticos sociais da geografia norte americana. No início dos anos de 1970 a geografia marxista afirma-se. Destacam-se autores como D. Harvey, R. Peet, D. Massey.

Nos anos de 1980, mesmo com autores como D. Harvey e N. Smith de fundamento marxista, começa um arrefecimento da geografia radical, se tornando menos combativa e pela falta de uma teoria do espaço havia uma dificuldade em seu desenvolvimento. Isso faz com a geografia de cunho humanista de fundo pós-estruturalista e pós-modernista ganhe força e autores como Nietzsche, Wittgenstein, Heidegger, Foucault, Jameson, Derrida, Giddens, Deleuze, Castoriadis, Touraine, Habermas, Bourdieu são seminiais. Ademais, com a queda do muro de Berlim o marxismo perde ainda mais força e as teorias pós-estruturalistas e neoliberais acabam se sobressaindo, conforme nosso autor indica.

Pedrosa mostra que diante desse quadro a ideia de estrutura esteve de uma maneira ou de outra no percurso formacional tanto da geografia de esquerda como na crítica, ora mais evidente, ora de maneira implícita. Assim, de fins do século XIX até 1956, data da invasão da

¹¹ O congresso de Bordeaux em novembro de 1968 sobre geografia tropical, que conta com a presença de Pierre George, Claude Bataillon, Bernard Kayser, Michel Rochefort, Milton Santos, Manoel Correia de Andrade, Celso Furtado entre outros, teve o Brasil como centro das discussões com o objetivo de combater o subdesenvolvimento por meio da ação estatal a partir de um planejamento de base regional. Nos anos de 1969 e 1970 os temas da geografia crítica recém-nascida, por assim dizer, eram: pobreza, grupos sociais marginais, periferias, serviços públicos básicos, conflitos sociais etc. Cf. PEDROSA, 2013, p. 178.

Building the way

URSS à Hungria, as discussões geográficas margeavam em torno de deias do planejamento, espaço econômico, polos de desenvolvimento habitat, demografia, industrialização e a estrutura aparecia em noções como 1) estrutura geológica; 2) estrutura morfológica; 3) estrutura econômica e 4) estrutura social.

Um segundo período datado a partir de Maio de 1968 passando pela crise da geografia Clássica e da Nova geografia até a crise do marxismo dos anos de 1980. Aqui entra em cena 1) a escola regulacionista com ideias de regime de acumulação, regras e normas, pós-fordismo etc.; 2) o estruturalismo althusseriano e as noções de modo de produção, infra e superestrutura; 3) o marxismo humanista tendo o homem como ator da história; 4) abordagem sistêmica, com as ideias de fluxo de energia, teoria geral dos sistemas, modelos sociais; e 5) a ideia de estrutura histórica, com noções de longa duração e sistema-mundo.

Por fim, um terceiro momento, a partir da queda do muro de Berlim em 1989, no qual passam a fazer parte do debate 1) a teoria da estruturação com ideias de regionalização, domínio espaço-temporal-localismo, relação mais próxima entre estrutura e indivíduo; 2) o realismo filosófico com ideias de descentralização da análise capitalista, visão estrutural e 3) o Pós-modernismo e Pós-estruturalismo fundamentados a partir de noções de desconstrução, da hermenêutica, do espacialismo e do multiculturalismo, por exemplo.

Diante desse quadro amplo e complexo, o autor mostra como a ideia de estrutura adentrou e ganhou força na geografia, principalmente na escola crítica, até seu declínio e a emergência das escolas pós-modernas. Ademais, explicita como a geografia crítica se institucionaliza e propõe novas ideias e formas de ver a geografia, assim como na colaboração da ideia de espaço como seu objeto. No entanto, com as várias crises do marxismo e com o fim do socialismo real o pensamento marxista na academia vai sendo cada vez menos utilizado como suporte de análise na geografia, entendido como uma de outras tantas perspectivas, vista como limitante e limitada. Com efeito, provoca dizendo que os geógrafos deixam de abordar uma geografia de esquerda que ficou esquecida, mas que foi seminal para o surgimento da geografia crítica. Em seguida nos apresenta a importância do estruturalismo de Althusser para instrumentalização dos estudos geográficos de cunho marxista, visto atualmente como ultrapassado e deturpador das ideias de Marx e de outros marxistas.

O certo é que para Pedrosa, não se pode dizer que a ideia de estrutura não foi fundamental na história da geografia crítica, uma vez que as crises da geografia a fez ir buscar em outras áreas do conhecimento as soluções para dar conta de seus problemas internos.

Building the way

Portanto, não se pode negar a importância da noção de estrutura, que juntamente com os conceitos de região e território, por exemplo, teve papel fundamental na compreensão do mundo social, englobando as formas, as relações sociais e a estrutura, esta última dando um “ar” de totalidade para a análise, coisa que a geografia que se fundamenta na pós-modernidade e no pós-estruturalismo não pode fazer, pelo seu viés despolitizado de ver a teoria social, uma vez que estão diante de uma aporia sem solução, pois na medida em que tendem à “luta de todos contra todos” na política, por outro querem mostrar que lutam pela tolerância e aceitação da diferença, do outro. Apontando também para ideia de que o lugar, o local, o cotidiano, é agora o *locus* privilegiado da atenção acadêmica, esquivando-se das discussões de totalidade, formando em boa dose mentalidades extremamente conservadoras, sem reflexão, endereçando-se para soluções violentas, bem distantes de eficácia.

Assim, análises pós-estruturalistas aparentam complexidade e pluralidade, mas evidenciam abstrações: como o indivíduo e sua subjetividade, identidade, individualidade, longe do contexto social e econômico no qual está inserido. Por outro lado, Pedrosa defende que, “devemos manter uma postura dialética segundo o pensamento marxiano, ou seja, saber lidar com as contradições do mundo concreto e do pensamento, pois elas são o motor necessário da crítica e da construção de um mundo melhor” (p. 327).

O autor acredita que sua tese ajuda na compreensão da geografia brasileira, fortemente influenciada pelo pós-estruturalismo na atualidade, com pequenos grupos ainda marxistas, que acompanhou as tendências mundiais até o segundo período, quando Althusser era dominante enquanto modelo e assim conseguiu produzir ideias originais, como fez Milton Santos. No entanto, após a emergência cultural velhas concepções chegam ao Brasil como novidades, trazendo uma recolonização, abrindo-se mão de uma certa independência conquistada outrora. Cabe saber, para o autor, se continuaremos nessa direção ou se vamos propor novas problemáticas de acordo com os desafios que estão em nossa ordem do dia.

Enfim, tentando agora procurar “chifres na cabeça de cavalo”, tive que “queimar muito pestana” para fazer algumas considerações críticas da presente tese. Mas como o trabalho é de um humano é impossível não existir lacunas, passagens que mereciam um pouco mais de atenção, como, por exemplo, nas partes em que o autor parece que vai enfrentar a problemática da geografia crítica no/do Brasil, (mesmo anunciando que esse não seja o seu objetivo) mas não faz, aponta, inicia, e deixa pelo meio do caminho. É bem verdade que isso faz com que se abra uma perspectiva ímpar, a de discutir tais relações com a “geografia brasileira”, observando qual

Building the way

sua participação nesse quadro apontado pelo autor, bem como em que se pode dizer de sua autenticidade e diversidade, frente a tal abordagem.

Ademais, num trabalho de mais de 360 páginas fica quase que impossível não se observar um excesso de descrição em algumas partes, como, por exemplo, em toda primeira parte e uma espécie de panorâmica na segunda, coisa que em nosso entender era o foco principal da tese. Assim como ressaltar que em certas ocasiões parece que o autor, apesar de anunciar que não fará, trata a questão a partir da ideia de que a ciência geográfica se deu por rupturas epistemológicas, cortes epistemológicos, de um etapismo evolutivo até aportar na que seria a geografia mais abrangente, a mais importante, por assim dizer, a crítica, e que depois a geografia regride, porque essa mais importante perde força, para uma de tipo menos importante. Isso mostra um certo equívoco recorrente que observa mudanças por rupturas bruscas, esquecendo-se de que as mudanças não vem com o cair dessa ou daquela noite, mas que segue um rearranjo adaptativo no momento atual como um processo do passado com certas fisionomias no presente. Assim também nosso autor mostra uma certa vinculação ao estruturalismo de modo bastante evidente, claro que isso não é demérito, mas quando em certas passagens se defende uma postura histórico-dialética, o estruturalismo teria sérias dificuldades para se encaixar em tal perspectiva.

Há em algumas passagens a ideia de escolas nacionais de geografia, como a alemã, francesa, brasileira, por exemplo, fugindo da perspectiva anunciada de trabalhar com um modelo anarquista de ciência e com a ideia de história social das ideias, aparentando enaltecer uma história localizada da ciência geográfica, deixando subjacente a ideia de que a geografia crítica emerge onde de fato se fazia ciência, isto é, Na França e Estados Unidos.

Breno expressa um saudosismo em demasia ao socialismo real, à URSS, dando a entender que com sua derrocada a geografia de base marxista vai junto, abrindo um espaço quase que hegemônico para posturas de tendência menos críticas, tais como o pós-estruturalismo e o pós-modernismo.

Viotto mostra uma exacerbada determinação sobre aquilo que entende sobre o problema levantado, se cercando de muitos autores para justificar o que desde o início já pensava, não problematizando de modo mais incisivo, já que a ideia não era essa. Ademais, anuncia que fará uma abordagem contextual, para não cair em um internalismo estrito. Assim, apesar de apontar que não fará uma história internalista, de apontar que irá contextualizar sua abordagem, acaba, em linhas gerais, por se centrar fundamentalmente em referências

Building the way

bibliográficas, enaltecendo em demasia as revistas comunistas inicialmente e depois as publicações da *Antipode* nos Estados Unidos e a *Hérodote* na França. É claro que isso não é nenhum problema, mas é preciso o anúncio claro de tal metodologia investigativa.

Nada disso evidentemente impede a leitura de uma obra de tamanha envergadura (não só pela quantidade de páginas, mas pela quantidade de bibliografia utilizada, que de maneira geral é desconhecida por um sem número de estudantes e professores de geografia), que com muitos méritos, merece ser buscada por todos aqueles que têm interesse na história da geografia, quer comprem a ideia da estrutura como fundamento ou não da geografia crítica.

Assim, o autor foge daquilo que se chama de interpretação oficial e nos brinda com um trabalho original, propositivo, inquiridor e por que não dizer provocativo, mostrando para os que leram, assim espero, e os que lerão, que na medida em que conta a história da geografia crítica ele não apenas conta a história, mas se posiciona, toma partido e isso é sem dúvida fazer ciência. Bem como não se furta de mostrar apenas as tendências chamadas de vitoriosas da geografia, mas as que de certa maneira ficaram à margem ou que nem sequer nunca foram contadas, sabe-se lá por quê! Ou melhor, tem-se uma ideia! Ademais, Pedrosa não faz uma história da geografia fechada em si mesma, mas busca observar as influências das outras disciplinas, de outros campos do pensar, portanto, tende a interdisciplinar sua abordagem. Por isso e por outros aspectos eu diria que se faz mister a leitura atenta da tese de Breno Viotto Pedrosa, quer abracemos essa ou aquela perspectiva teórica.